

## OPINIÃO

## ESG: letras que precisam caminhar juntas

Fabio Brasiliano (\*)

De tempos em tempos, o mercado se depara com novas acrônimos e siglas cujo significado pode ou não ser perene.

É como uma sopa de letrinhas, cujo caldo quente pode derreter algumas delas e fazê-las cair em desuso, enquanto outras têm relevância suficiente para se manterem firmes até que se tornem uma prática fundamental dentro das organizações. Neste banquete corporativo, o prato da vez é o ESG - sigla que vem do inglês Environmental, Social and Corporate Governance, que pode ser traduzida para Governança Ambiental, Social e Corporativa.

Assim como outras siglas que envolvem o universo da Sustentabilidade, o ESG poderia ser considerado apenas mais uma onda. Mas não é. Para se chegar a ele, é preciso falar de responsabilidade social, de valor compartilhado e de sustentabilidade corporativa, compreendendo que seu verdadeiro valor vai além da temporalidade dos termos.

Estas três letras significam temas cuja preocupação só deve aumentar no futuro, uma vez que as novas gerações já mostram outros valores e comportamentos.

Nossos sucessores dentro das empresas terão visões muito mais avançadas sobre as questões relacionadas ao ESG e seguirão com suas mentalidades oxigenadas até que ocupem cargos de decisão. Ou seja, as empresas que não estiveram o ESG hoje não estão preparadas para o futuro.

O mais impressionante é que a sigla ESG surgiu pela primeira vez em um relatório de 2005, intitulado "Who Cares Wins" ("Ganha quem se importa", em tradução livre), resultado de uma iniciativa liderada pela ONU. Porém, quase seis anos depois, dificilmente encontramos iniciativas que orquestram as três letras - normalmente, aqui no Brasil, elas podem ser vistas em grandes corporações. Aqui no Brasil, as empresas ainda engatinham e consideram ações isoladas para apresentar seus relatórios anuais de melhores práticas.

São documentos suntuosos que mais parecem uma ação de marketing, e quando você olha de perto, eles realmente o são. Quando as companhias são requisitadas para mostrar o que de fato vêm fazendo, percebe-se que precisam pescar iniciativas espalhadas por diferentes setores, sem que estas façam parte de um framework único,

além de não serem acompanhadas por indicadores que permitam o monitoramento dos benefícios de uma visão inovadora.

Grande parte das iniciativas brasileiras para ESG ainda não traduzem uma visão de futuro; elas ocorrem por um desejo de atender uma demanda empurrada pelo simples fato de que é preciso começar. Entretanto, são ações que acontecem sem planejamento estruturado e não conversam com outras estratégias da companhia e, portanto, perdem valor porque fazem pouco sentido.

Sobre a letra E, as empresas precisam acompanhar as mudanças de valores da sociedade e entender melhor as demandas socioambientais, como biodiversidade, gestão de resíduos, impacto das operações no meio ambiente, pegada de carbono e afins. Já a letra S é a mais crítica, já que a diversidade é um tema demandado hoje em dia e se antecipar a essas tendências traz reconhecimento. Só que, para isso, é importante saber ouvir e não simplesmente mandar uma mensagem de marketing para as partes interessadas, impondo crenças.

Há muitos programas sociais necessitando de apoio, mas que estão completamente fora dos valores da companhia. As ações devem representar o que a empresa valoriza ou quer inspirar. A relevância do G está no propósito e no desdobramento e conexão destes pilares e objetivos ambientais e sociais, em conjunto com os objetivos estratégicos da organização. Ele incorpora algumas das disciplinas de governança que ainda possuem espaço para desenvolvimento, como por exemplo o compliance e o gerenciamento de risco, assuntos fundamentais nas empresas.

Existe um caminho de maturação do mercado e, mais cedo ou mais tarde, isso vai acontecer. Assim que as empresas descobrirem que é preciso costurar as estratégias e incluir as três letras em seus planejamentos anuais, elas perceberão muito mais valor no seu processo de inovação e, conseqüentemente, mais sucesso no futuro, já que seu portfólio vai estar mais alinhado com os valores da sociedade. É uma questão cultural e leva tempo. Mas os grandes líderes já entenderam que o ESG é uma jornada, e não um destino final.

(\*) - Professor de programas de MBA e pós-graduação, além de palestrante e ex-diretor do Ministério do Meio Ambiente, é CEO e fundador da Brasiliano Consultoria.

## BI é estratégia de negócio, não assunto técnico da TI

Para ser chamada de inteligência do negócio, o BI deve estar dentro do negócio. Parece óbvio. E é mesmo

Aldir Rocha (\*)

Com certeza você já ouviu a expressão "data driven". Com certeza, também, já ouviu que naquela grande empresa há um time encarregado de tratar uma quantidade enorme de dados e que é capaz de extrair um significado valioso do que os dados dizem.

Esse time, comumente, responde à TI, a área encarregada de colher, enriquecer e lidar com a inteligência que vem dos dados (o famigerado business intelligence, ou BI). Muito comum, porém questionável.

Diversas empresas tratam o BI como um assunto de TI, quando, como o próprio nome sugere, a "inteligência de negócio" deve permear toda a cadeia de valor da empresa, não ficar restrita a uma área específica, muito menos à perspectiva técnica de TI.

Vale reiterar: BI é assunto do negócio, não da TI. Quando fica restrito à TI, ele gera riqueza sim, mas uma riqueza isolada e incompleta, que não enxerga nem compartilha todas as nuances da empresa.

Já vi organizações que, no afã de aproveitar os dados a favor do negócio, contratam o mais renomado analista de dados, o alocam ao lado da TI e o tratam como um garçom. Ele é chamado ocasionalmente, sempre que um departamento precisa de uma informação ou um insight que leve a uma aplicação ou serviço que traga vantagem competitiva. Nem é preciso dizer que os resultados de uma "estratégia" como essa vêm a conta-gotas, enquanto, para o cliente final, pouca (ou nenhuma) melhora é percebida.

Realmente não é raro que uma iniciativa de análise de dados surja quase de forma autônoma e integre-se ao negócio com o passar do tempo. Mas meu papel aqui é justamente provocar você e perguntar: os executivos percebem a importância desse "novo conhecimento" e direcionam a empresa para que, em algum momento no futuro, a gestão seja baseada em dados?

Em outras palavras, a liderança - toda a liderança, não só a TI - sabe como tornar a empresa data driven?



## Organização data driven

Nenhuma empresa nasce data driven; ela torna-se data driven, por meio de uma constante análise, enriquecimento, consumo e retroalimentação de dados, em um processo que culmina em inteligência corporativa.

[Para que se torne data driven, uma organização precisa enxergar a gestão baseada em dados como um posicionamento estratégico, puxado pelos executivos. E se a cultura corporativa impuser resistência, os executivos devem difundir a importância da análise de dados como instrumento para vislumbrar novas oportunidades, alavancar os negócios e lidar com informações até então indisponíveis.

E o que faz com que se comece a minerar essas informações e combiná-las com dados externos é justamente o exercício. É uma dinâmica que deve estar dentro do negócio, tal qual a TI: quando a TI atua dentro do negócio para impulsionar essa "onda positiva", a organização caminha a passos largos em direção ao data driven. A maturidade em relação ao conceito vai sendo construída e a retroalimentação passa a acontecer de fato.

A forma como a TI se organiza para permitir que o negócio se aproprie do BI é consequência, não causa, desse círculo virtuoso.

Tanto é que um reconhecido momento de glória da TI é quando ela consegue, de fato, disponibilizar o chamado "self-service BI": uma quantidade tal de ferramentas e modelos de dados com os quais o negócio pode obter informações e, assim, construir inteligência. E mais que isso: retroalimentar a TI pedindo novas informações e acesso a novos conteúdos.

E para viabilizar uma organização na qual a TI entregue valor ao BI é preciso, mais uma vez, recorrer ao mantra de internalizar o que é estratégico e terceirizar o que é operacional, potencializando o que de melhor o conhecimento externo das empresas especializadas agrega à construção da maturidade corporativa.

A primeira base de dados que sua empresa precisa ter já existe, é gratuita e está sob seus olhos. Está nos arquivos e processos de todos os departamentos, nos registros do call center, nos sucessos e insucessos das equipes de vendas, nos SLAs, nas reclamações do cliente satisfeito (mas que encontrou algo que pode ser melhor), nos atrasos, dificuldades ou bons resultados logísticos, na base de currículos do RH, nos tempos de produção, no percentual de falhas, no balanço... Enfim, em tudo.

A análise de dados - e a consequente inteligência do negócio - tem a missão de organizar essa montanha de dados dispersos que, se sua empresa ainda não o fez, está guardada em silos, incapaz de levar a cruzamentos geradores de valor.

(\*) É sócio-consultor da empresa com mais de 20 anos na TI



## News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

## Empresas de tecnologia tem mais de 160 oportunidades de emprego abertas neste fim de ano

@ Ainda dá tempo de conquistar uma nova oportunidade profissional ainda em 2021. A Positivo Tecnologia possui mais de 90 vagas de emprego temporárias e efetivas, em localidades como São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Manaus e Ilhéus. Há opções para atuação remota, o que aumenta as chances para pessoas que vivem em outras cidades ou regiões. Há vagas para diversas áreas da companhia como Logística, Tecnologia, Marketing, Novos Negócios, Recursos Humanos e Administrativo. O candidato que tiver interesse em conhecer e em se inscrever na vaga que tenha maior compatibilidade deve acessar o link. Com mais de 30 anos de mercado, a companhia, que tem o propósito de tornar a vida das pessoas melhor e mais inteligente com o uso da tecnologia, possui certificação Great Place to Work (GPTW). "Pessoas são o nosso maior valor. Na Positivo, incentivamos o empreendedorismo e engajamento das pessoas com nossos projetos e propósitos. Temos consciência que cada integrante é único dentro das nossas equipes e o quanto eles podem nos diferenciar como companhia", afirma Adner Uema, diretor de Gente & Gestão na Positivo Tecnologia (https://positivotecnologia.gupy.io/).

## Nozomi Networks e BT Team anunciam parceria

@ A Nozomi Networks, líder em segurança para tecnologia operacional (OT) e Internet das Coisas (IoT), e a BT, provedora líder em comunicações globais e serviços de segurança, anunciaram hoje uma parceria para ampliar o portfólio da BT de soluções de segurança para indústrias e de infraestrutura crítica em todo o mundo. Membro do programa de parceria MSSP Elite da Nozomi Networks, a BT revenderá as soluções da Nozomi Networks como parte de seu portfólio de gerenciamento de ameaças de tecnologia operacional. Com o aprimoramento digital nas instalações de produção, as empresas

estão se deparando com novas ameaças à segurança da infraestrutura operacional, muitas das quais nunca foram projetadas para serem conectadas por internet. Dada a criticidade dessa infraestrutura, ela está se tornando cada vez mais um alvo para o cibercrime que visa interromper as operações e exigir pagamentos como resgate (www.bt.com/about) (www.nozominetworks.com).

## 40 novas vagas de emprego

@ A CIGAM - fornecedora de software de gestão empresarial (ERP, CRM, BI, RH, PDV e Mobile) - mais uma vez amplia seu time de colaboradores e anuncia 21 oportunidades de emprego para as áreas técnicas (desenvolvimento e suporte), de consultoria, e comercial. Os contratados irão atuar nas regiões Sul e Centro-Oeste do país, com condições de trabalho e remuneração compatíveis com as oportunidades anunciadas. A empresa oferece auxílio alimentação, plano de saúde, participação nos resultados, treinamentos, seguro de vida, vale-transporte, horário flexível, home office, entre outros. Interessados devem enviar currículos para o e-mail gp@cigam.com.br.

## Microcity figura entre as melhores empresas de TI para trabalhar do Brasil

@ A Microcity subiu onze posições no ranking das melhores companhias para se trabalhar em TI do Brasil, de acordo com pesquisa realizada pela Great Place To Work (GPTW), instituto mundial de pesquisa de clima e ambiente de trabalho e melhores práticas de gestão de pessoas, que está na sua 16ª edição. Com isso, a empresa figura na 37ª posição, entre as 80 participantes de médio porte do ranking. Segundo Polianna Lopes, diretora de Pessoas e Valores da Microcity, a competição esse ano foi acirrada, devido aos impactos da pandemia no modelo tradicional de trabalho e o aumento de empresas participantes da pesquisa, que chegou a 57%.

## Programa de estágio 2022 com vagas em cinco cidades

A JACOBS DOUWE EGBERTS (JDE), companhia global especializada em cafés e chás com sede na Holanda, anuncia a abertura das inscrições para o seu Programa de Estágio 2022. A oportunidade é oferecida para os estudantes de nível superior e tem vagas de trabalho em algumas cidades de São Paulo, Minas Gerais e Bahia.

Os requisitos para participar do processo é ter previsão de conclusão

do curso entre dezembro de 2022 e dezembro de 2023 e os aprovados terão a oportunidade de trabalhar em diversas áreas da JDE, como Marketing, Recursos Humanos, Administração, Logística, Jurídico, Meio Ambiente, dentre outras. Para mais informações sobre a oportunidade, basta acessar o site oficial do programa de estágio (https://www.99jobs.com/jde/jobs/193927-programa-de-estagio-jde-2022).